

IMPrensa E CIRCULAÇÃO DE IDEIAS: UMA PERSPECTIVA BRASILEIRA E PORTUGUESA

EDITORIAL

As relações entre Brasil e Portugal sempre foram marcadas por movimentos de aproximação e afastamento em vários campos como o político, o jornalístico e também o literário. Unidos pela mesma língua, por uma ligação estreita e complexa, estas duas nações nunca se separaram completamente.

Seguindo uma cronologia dos espaços, o ponto de partida pode ser o período colonial a partir da presença da corte portuguesa no Brasil. Pode destacar-se em seguida o período pós-independência e os altos e baixos nos relacionamentos que acompanharam o século XIX e a imprensa periódica produzida em comum, com interesses culturais, literários e políticos compartilhados pelo Brasil e Portugal, incluindo a produção jornalística do grande número de colônias de portugueses espalhadas pelo Brasil.

Com o século XX e o aparecimento dos nacionalismos e nativismos, coincidindo também com o aparecimento da figura do intelectual engajado, as afirmações das culturas nacionais manifestaram-se através das páginas da imprensa, tanto de forma mais excludente, feito o caso dos integralismos de vários matizes mais

ou menos fascizantes, quanto de forma mais inclusiva, no caso dos republicanos e movimentos intelectuais de ambos os países.

Existe uma cultura partilhada de influências mútuas, bem como um patrimônio de escrita em comum que não podem ser ignorados. É possível perceber a conexão histórica dos dois países e o relacionamento através da imprensa no todo que a língua portuguesa ocupava no mundo, quer no continente americano, africano ou asiático. É uma investigação que está praticamente por fazer e cujos resultados certamente terão várias implicações no conhecimento e compreensão da construção da independência de vários países.

Em consequência desse compartilhamento, os exílios e a emigração podem ser entendidos como uma história de encontros e desencontros, mas sobretudo como lugares de produção jornalística cultural e política, de portugueses e brasileiros no Brasil, em Portugal e em outras partes da Europa, assim como na Ásia e África.

Este Dossiê intitulado *Imprensa e circulação de ideias: uma perspectiva brasileira e portuguesa* aborda a relação entre Brasil e Portugal a partir dos jornais e de seus textos, escritos por jornalistas, políticos e escritores portugueses e brasileiros. Nele estão reunidos treze artigos de pesquisadores de diversas áreas — literatura, história, comunicação — e três resenhas de livros de ficção e não ficção do universo luso-brasileiro.

Há autores presentes nesta edição da revista que fazem parte do grupo de pesquisa coordenado pela historiadora Isabel Lustosa e intitulado *Imprensa e circulação de ideias nos séculos XIX e XX*. Ele reúne um conjunto de pesquisadores de diversas áreas das ciências sociais e humanas que têm a imprensa como objeto de estudo nas mais diversas perspectivas. Esse grupo agrega subgrupos, entre eles o formado por estudantes e pesquisadores brasileiros e portugueses que investigam as relações sociais, políticas e culturais da imprensa no Brasil e em Portugal nos séculos XIX e XX.

Os artigos aqui reunidos podem ser divididos em três grandes eixos temáticos: o jornalístico, o literário e o político. Isso não significa que os artigos abordem o jornal a partir de uma única dessas três vertentes, mas apenas que privilegiam uma delas.

O primeiro eixo — o jornalístico — reúne seis artigos que focam sua análise na construção do jornal e inclui os seguintes trabalhos: “O primeiro diário em Portugal: o *Diário Lisbonense* (1809-1813)”, de Adelaide Vieira Machado; “Faustino Xavier de Novais: um *porteur culturel* nos trópicos”, de Aline Cristina Oliveira; “Levramento moral e intelectual dos homens de cor: o caso do jornal *O Exemplo*, Porto Alegre, RS (1882-1905)”, de Ricardo Costa de Sousa; “Aquém e além-mar: ‘Cartas do Rio de Janeiro’ de Jaime Vitor, de Sílvia Azevedo; e “Imprensa de língua estrangeira e identidades: a lusofonia nos jornais de língua portuguesa em Macau”, de Camila Escudero.

Esses trabalhos, distintos em termos de objeto de análise — jornais do Brasil, de Portugal e de Macau e seus jornalistas — têm sua atenção voltada para o fazer jornalístico e para a função do jornalista em contextos diversos.

A pesquisa de Camila Escudero analisa em que medida os jornais de língua portuguesa que circulam em Macau estimulam a identidade lusófona em suas páginas. Ao investigar o conteúdo de *O Clarim* (1948-) e da *Plataforma Macau* (2014-), Escudero evidencia a materialidade de uma cultura e de um modelo global de organização de poder que favorece uma identidade comum cujo recurso simbólico de ação é a língua portuguesa.

Em “Aquém e além-mar: ‘Cartas do Rio de Janeiro’ de Jaime Vítor”, Sílvia Azevedo parte das cartas publicadas na imprensa luso-brasileira aos leitores da revista monarquista *Brasil-Portugal* (1899-) para refletir sobre esse gênero textual, que contribuiu com o objetivo de Jaime Vitor de estreitar os laços entre Brasil e Portugal.

O jornal *O Exemplo* é o objeto de estudo do artigo “Levantamento moral e intelectual dos homens de cor: o caso do jornal *O Exemplo*, Porto Alegre, RS (1892-1905)”. Trata-se de um periódico destinado aos homens de cor que se impunha a missão pedagógica e civilizatória de lutar pela inclusão dessa camada marginalizada da sociedade. Para Ricardo Costa de Sousa, o jornal foi

um dos mais importantes periódicos da imprensa negra do fim do século XIX no Brasil.

“Faustino Xavier de Novaes: um *porteur culturel* nos trópicos” é o título do artigo de Aline Oliveira, que destaca o papel de mediador cultural do poeta e jornalista português. O intelectual emigrou para o Brasil em 1858, onde conciliou o ofício de comerciante com o de jornalista e escritor, tendo sido colaborador em diversos periódicos e publicado peças de teatro e livros de poesia. Foi grande amigo e genro de Machado de Assis.

O artigo de Adelaide Machado, “O primeiro Diário em Portugal: o *Diário Lisbonense* (1809-1813)”, é um dos primeiros estudos sobre o periódico e revela, no início do século XIX, o cruzamento cultural e político do jornalismo e da literatura com a história da edição e da leitura, dos dois lados do Atlântico.

O eixo que cruza imprensa e literatura apresenta quatro artigos: “Nas pequenas grandes folhas: Álvares de Azevedo na imprensa lusa oitocentista”, de Natália Souza Santos; “O Conselheiro Acácio nas páginas de três jornais cariocas”, de Giuliano Lellis Ito Santos; “O Portugal do jornalista Olavo Bilac”, de Marta Scherer; e “Cecília Meireles e a revista *Presença*: a tradição como herança”, de Karla Renata Mendes.

O trabalho de Karla Mendes apresenta o diálogo de Cecília Meireles com Portugal na revista do modernismo tardio português *Presença* (1927-1940), na qual a escritora encontra espaço para a expressão do seu trabalho poético.

Olavo Bilac, um dos principais representantes da intelectualidade brasileira da virada do século XIX para o XX, é abordado por Marta Scherer na sua relação dialogante com cronistas e escritores portugueses.

Giuliano Ito dos Santos percorre três jornais — *Journal do Commercio* (1927-atualidade), *Gazeta de Notícias* (1875-atualidade) e *O Paiz* (1884-1930) —, levantando e mapeando no imaginário brasileiro a figuração e refiguração do personagem Conselheiro Acácio e do sequente termo *acaciano*, do romance *O primo Basílio*, de Eça de Queirós.

A recepção do escritor brasileiro Álvares de Azevedo na imprensa acadêmica de Coimbra é o tema da pesquisa de Natália de Souza Santos, lida através de autores como Lopes de Mendonça. A autora parte da leitura de três publicações da imprensa estudantil: *O Átilla* (1863-1864), *Revista de Coimbra* (1865-1866) e *Mosaico* (1874-1875) para analisar a circulação e o alcance da obra do autor brasileiro.

O terceiro e último eixo temático do livro aborda a política no contexto de pesquisas sobre a imprensa. São três os artigos: “Resistentes cá, jornalistas lá: a trajetória dos antissalazaristas no Brasil e suas ligações com a imprensa local”, da pesquisadora Heloísa Paulo; “A resistência no exílio: o *Portugal Democrático* na voz de seus colaboradores”, de Isabel Travancas; e “O golpe de 1964 no Brasil pelas páginas do *Diário de Lisboa*”, de Thiago Fidelis.

Heloísa Paulo centra sua análise no grupo de portugueses opositores do regime ditatorial de Antônio Salazar, instaurado em 1933 com o Estado Novo, que se exilaram no Brasil. Esse grupo é formado por portugueses com perfis diversos e que vieram para o Brasil em dois momentos distintos. Do primeiro fazem parte Jaime de Moraes, o intelectual Jaime Cortesão e o jornalista Novais Teixeira que se opõem à ditadura militar. O segundo reúne jovens estudantes e oficiais que combateram o regime e buscaram, através da imprensa, apoio para a luta. Esses opositores, de diferentes profissões, estabelecem vínculos com jornalistas brasileiros e diretores de jornais, e passam a atuar na imprensa brasileira, que lhes abre as portas.

O exílio português no Brasil no século XX também é o objeto do segundo artigo desse eixo temático, cujo foco é a imprensa e suas relações com a política. Isabel Travancas busca, através dos depoimentos de exilados portugueses, construir a história do mais importante e longo jornal da resistência à ditadura salazarista além-mar: *Portugal Democrático*. O jornal, publicado em São Paulo de 1956 a 1975, abordava exclusivamente temas ligados a Portugal e ao movimento de oposição a Salazar, que reuniu intelectuais, políticos, jornalistas e operários portugueses no exílio, assim como brasileiros simpatizantes da causa.

O golpe de 64 no Brasil nas páginas do *Diário de Lisboa* (1921-1990) é o tema do artigo de Thiago Fidelis, que analisa a construção da imagem da política bra-

sileira para o público português. Fidelis descreve os acontecimentos e o clima de tensão no Brasil à luz da publicação portuguesa que dá destaque à situação crítica da política no país, iniciada com a renúncia de Jânio Quadros, aliada à crise financeira. Chama a atenção para a dificuldade que o jornal teve de manter a neutralidade em relação ao tema, ignorando, por exemplo, a violência contra os opositores do golpe de 1964.

Fora do dossiê que compõe o presente número da revista, há dois artigos que tratam de poesia portuguesa: “O branco no branco: a epifania de Eugênio de Andrade”, de Claudio Alexandre Barros Teixeira, e “Modos de amanhecer: inflexões da alba na poesia portuguesa contemporânea”, de Paulo Alexandre Pereira. O primeiro investiga como Eugênio de Andrade incorporou aspectos da forma poética japonesa chamada de *haiku*, ou *haikai*, como é mais conhecido no Brasil. O segundo aborda as obras de Natália Correia, Joaquim Manuel Magalhães e Pedro Sena-Lino no seu diálogo e reconfiguração do mito do canto do amanhecer.

O número se fecha com três resenhas de obras de ficção relacionadas com o mundo de língua portuguesa. A primeira, de autoria de Cielo G. Festino, é sobre *Monsoon* (2020), tradução para o inglês, de Paul Melo de Castro, do livro de contos *Monção* (1963), da autora goesa de língua portuguesa Vimala Devi. A obra reúne treze contos que formam uma espécie de retrato da Goa Colonial.

O terrorista elegante e outras histórias (2019), outro livro de contos, escrito a quatro mãos por Mia Couto e José Eduardo Agualusa, é resenhado por Sheila Kaplan. A obra reúne três narrativas resultantes de peças de teatro que ambos escreveram para os grupos de teatro A Barraca e Trigo Limpo de Portugal.

Já no campo da história, João Luís Lisboa resenha o livro de Isabel Lustosa, *O jornalista que imaginou o Brasil — tempo, vida e pensamento de Hipólito da Costa (1774-1823)*, de 2019, que traça um perfil *não romântico* desse jornalista tão controverso, cujo periódico, o *Correio Brasiliense* (1808-1822), motivou acirrados debates.

Por fim, este número da *Via Atlântica* e, sobretudo, o dossiê dedicado ao tema das relações entre Brasil e Portugal no âmbito da imprensa tem como objetivo divulgar e incentivar a produção de trabalhos com esse recorte. Os estudos elaborados em torno da unidade de grandes sínteses parecem-nos, nesse campo, menos interessantes que o debate que investigações pontuais, como as aqui apresentadas, podem suscitar. Certamente daí derivará um outro tipo de história cultural e política, decorrente da demonstração de unidades e diversidades variadas que se entrecruzam, longe das tradicionais visões geograficamente hierarquizadas.

Adelaide Vieira Machado
Isabel Travancas
Hélder Garmes